ZOOM //
PROSTITUIÇÃO.
A CRISE JÁ CHEGOU ÀS ESQUINAS

São cada vez mais, mais novas e cobram cada vez menos. Há quem tenha ganho 6 mil euros por mês e agora passe noites sem um cliente e há quem esteja pela primeira vez na rua porque os bares de alterne fecharam. Atender em hotéis é menos frequente e os clientes já dizem que pagam elas a pensão. A crise chegou ao negócio do sexo

TEXTO Silvia Caneco
FOTOGRAFIA Bruno Simões Castanheira
Prostituição.

O Inverno mais rigoroso das vidas delas

SÍLVIA CANEÇO (Texto)
silvia.caneco@ionline.pt
BRUNO SIMÕES CASTANHEIRA (Fotos)
fotografia@ionline.pt

Ainda não é hoje que Daniela vai acordar e perceber o que acabou de acontecer. Retocou no retrovisor do carro o lápis preto na pálppebra do olho, vestiu uma camisa aos quadrodados, pôs uns calções de ganga curtos e umas botas de salto alto para parecer mais alta, mais delineada. É, de todas, a menos aperal-dada para a noite. A menos maquilhada. Uma das poucas que não soltou o cabe-lo. Mas é a primeira que um homem chama num roteiro em que os carros que circulam, noite após noite, são quase sempre os mesmos, a novidade é sempre o mais apetitável. Quando volta, Daniela bate a porta do carro, corre para justo das amigas e ri-se como uma per-dida. Na cara nenhum sofrimento, nenhum dor. Ninguém diria que foi a primeira noite dela.

Meia hora, 40 euros, porque os homens agora regateiam e já lá vai o tempo em que a regra era 50 euros por uma ida ao quarto. Faz contas de cabeça na tentati-va de perceber quantos carros e pensões terá de percorrer para salvar os pais das dívidas. Tentar convencer-se de que não foi assim tão mau. Que 40 euros por um “beijinho”, o eufemismo usado para o sexo oral no roteiro da prostituição, é um bom dinheiro. Quando se enfia den-tro de um casaco de capuz para a fotogra-fia, não há lápis preto nem salto alto que a encubra: Daniela tem 20 anos, mãe do rosto de uma adolescente. Ainda não será hoje que vai acordar. “Há o dia em que lhe vai cair a ficha e não vai conseguir parar de chorar: acontece a todas, mas não é imediato”, conta Eva, a amiga do Algarve que nesta mesma noite faz dois anos que está na rua. “Ela estava a dormir na minha casa, não que-ria que ela viesse para aqui, nem que me pagasse nada. Mas os pais, pelo que per-cibi, estavam cheios de dívidas e ela não quis esperar mais. Dizia que tinha de ajudar.”

Quando começou, numa casa de prosti-tuição gerida por uma russa, Eva, hoje com 22, tinha apenas 17. Fez 60 mil euros em poucos meses e deslumbrou-se. Não eram estes os seus planos: tinha arren-dado uma casa pela internet e quando chegou à cidade não havia casa. A pres-sa, acabou por ter de gastar mais 300
Reportagem

"Mesmo com menos trabalho, se fizéramos apenas um serviço por dia, que outro trabalho arranjaremos para ganhar este dinheiro?"

Euros nesse mês para arrendar um quarto sem janela. As coisas descambaram, mas não queria voltar para o Algarve com a independência falhada. Foi para a tal vivenda. De repente podia comprar tudo o que queria, todos os meses transferia dinheiro para a mãe, a quem dizia estar a trabalhar para uns estrangeiros bondosos. Um dia, chateou-se com a patroa, um amigo mostrou-lhe como poderia fazer dinheiro na zona do Marquês de Pombal, nas traseiras dos hotéis mais caros de Lisboa. Esteve um mês só a observar como as outras faziam, com medo de sair com um cliente. "É muito diferente. Numa casa sentimos-nos mais protegidos." E Inverno e faz demasiado frio para vestidos e meias de seda. Os corpos gelam e agora acontece o nunca antes visto: há noites em que não se trabalha. Este pode bem ser o Inverno mais rigoroso das vidas delas – os clientes são menos, pagam menos, e elas são mais – mas ainda não está convencida a sair. "Somos pobres. É um deslumbramento. Mesmo com menos trabalho, se fizermos apenas um serviço por dia, que outro trabalho arranjaremos para ganhar este dinheiro? Compramos o que queremos, mandamos dinheiro para casa. Os nossos pais nem sonham, acham que somos bem sucedidos, falam de nós como as filhas mais responsáveis."

A DECAÇÃO No Caís do Sodré – zona onde por norma se prostituem mulheres mais velhas –, este é o primeiro Inverno que Marisa passa na rua. Há uns anos, ganhava 100 euros só por "alternar" – beber copos com um cliente. Foi stripper, fez espectáculos. Mas os bares de alternar onde trabalhava foram fechando. E os que resistem – diz ela – por pouco tempo – têm tão poucos clientes que quase já não precisam de empregadas. "Antes era uma mina. Fazia duas saídas e ia-me embora. Hoje até as melhores casas estão às mascas." Marisa, que diz ter "40 e poucos" anos, mas todos sabem ter mais, sabe que o seu prazo está a esgotar-se. Estica o cabelo todos os dias com secador e chapa para parecer mais gira, faz uma franja e põe uma bandeleta para parecer mais nova, e está convencida de que se a escolhemos para falar, entre as muitas mulheres que estavam naquele quartierão, é porque "é a mais vistosa". Mas não se ilude: os tempos aureus acabaram. "Isto é como em qualquer negócio. Se as pessoas não têm dinheiro não compram. Antigamente vinham homens com muito dinheiro. Agora é só pobres, canhicalhada. Só vejo é tesos."

Tem uma filha de 16 anos, que não sabe o que faz todas as noites – "Para quê contar-se a vai fazer sofrer?" – não tem marido, faz mais de uma década que não vê a família. Teve várias patões estrondosas, com fins igualmente estrondosos. Quando os clientes começaram a fugir, tratou de desfazer-se do ouro que comprara nos tempos em que perdeu a conta ao dinheiro que ganhava. "Acho que vendi por menos dois dígitos do que comprei!" Já tentou desfazer-se dos serviços de cristal caríssimos que também comprou às prestações, mas não sabe como.
E claro que há dias de sorte. “Há homens que vêm aqui só para desabafar e dão cem euros. Não são assim tão poucos os que só querem falar e por norma são os que pagam mais”, diz uma. “Tive um cliente que por altura do Natal me pagou 240 euros por meia hora num dia e 300 euros no seguinte”, acrescenta outra. E depois há todos os outros: os amorosos, os que querem levar para jantar, os que se apaixonam.

Quando Cátia chega, vistosa e perfumada, dentro de uma mini-saia vermelha, o namorado dela está à espera. Aos 22 anos, Cátia é uma mutada com cara de artista de cinema. O namorado não pergunta nada. Beija-a, como quem a espera de um dia normal de trabalho. Não se importa por ela ter vindo dos braços de outro homem. Em casa, esperam duas filhos. “É claro que penso em largar esta vida quando eles forem mais crescentes. Mas se ganhar 500 euros como é que vou sustentá-los?”. Rita é a mais richeza do grupo e também veio do Alvare. Tem dois filhos e a pensar em voltar para casa. “Alguém está sendo perseguido que não saiba passar as contas e tive de voltar.”

Vanessa tem 20 anos e começou a trabalhar em bares de alterne. Chega um “amigo” e desaparece numa carrinha, cambaleando, desengastada, magra de mais. Passado um tempo, Rita agarra o teléfonito e pergunta-lhe onde está. É da praia: sempre que uma demora mais tempo que o previsto, outra liga. Porque na rua os gostos moram à esquina. Vanesa já foi abandonada numa mata. Eva já foi aí e também não teve nenhum cliente.

Cláudia, transsexual, chegava a fazer seis mil euros num mês. Hoje ainda não tem nenhum cliente.

Eva, hoje com 22 anos, começou na prostituição com 17 anos, numa casa gerida por uma russa.
iReportagem
A crise chegou à prostituição
// PÁGS. 16-21